



IV ENA

ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

CADERNO

1

MEMÓRIAS DO IV ENA

**AS MUITAS MÃOS QUE
SEMEIAM A AGROECOLOGIA
E SE ENTRELAÇAM NA ANA**

E56m Encontro Nacional de Agroecologia (4.: 2018:
 Belo Horizonte)
 Memórias do IV Encontro Nacional de
Agroecologia : agroecologia e democracia unindo
campo e cidade. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2021.
872 p. : il. color. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-87116-33-8

1. Agricultura - Brasil - Congressos. 2.
Ecologia agrícola - Brasil - Congressos. 3.
Agricultura sustentável - Congressos. 4.
Democracia - Brasil - Congressos. I. Articulação
Nacional de Agroecologia (Brasil). II. Título.

488 630.27450981



BH/MG • 31/maio a 3/junho de 2018

MEMÓRIAS DO IV ENA

**AS MUITAS MÃOS QUE
SEMEIAM A AGROECOLOGIA
E SE ENTRELAÇAM NA ANA**

CADERNO 1

A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento *Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA)* seja citado como fonte.

A versão eletrônica deste documento está disponível no site www.enagroecologia.org.br, onde também se encontram materiais complementares sobre o IV ENA, incluindo vídeos, fotos, reportagens e painéis de facilitação gráfica.

MEMÓRIAS DO IV ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (IV ENA)

CADERNO 1

As muitas mãos que semeiam a agroecologia e se entrelaçam na ANA

Coordenação editorial

Flavia Londres

Sistematização, redação e edição

Angélica Almeida

Marcelo Almeida

Natália Almeida

Revisão técnica

Flavia Londres

Denis Monteiro

Viviane Brochardt

Revisão de texto

Consultexto, Gilka Resende, Hugo Maciel

Projeto gráfico, capa, tratamento de imagens e diagramação

Mariana Fonseca

Ilustração de capa

Letícia Abelha

Fotos

Arquivo Cobertura Colaborativa do IV ENA: Ana Flávia, Angélica Almeida, Aquiles Castro, Caio Santos, Camila Teixeira, Carú Dionísio, Cecília Figueiredo,

Cintia Barenho, Clara Comandolli de Souza, Cris Guimarães,
Cristiane Machado, Douglas Silva, Eduardo di Napoli, Eliane Barros,
Élida Galvão, Eudes Costa, Fábio Maciel, Gilka Resende, Gisele Ramos,
Guilherme Assis, Helena Zelic, Ian Lara, Indi Gouveia, João Marcos Nunes,
Juliano Vilas Boas, Kayke Quadros, Laira Cernelós, Leandro Bugni,
Leonardo Koury, Lucas Abaporã Bois, Luiza Damigo, Luna Layse Almeida,
Márcio Andrade, Marlene Antônia, Maysa Leão, Nádia Nicolau, Natália Alves,
Nívea Martins, Paolo Marti G. P. de S. Viola, Paulo Castiglioni, Pedro Kolping,
Pedro Lovisi, Raiane Mechetti, Robervania Cunha, Sandra Ribeiro,
Sídvaldo Júlio Raimundo, Thaynara Policarpo, Tony Marlon, Upslon,
Viviane Brochardt e Wanessa Marinho

Contribuições para o Caderno 1

Angélica Almeida, Anna Crystina Alvarenga, Antonio Dias,
Bruna Pardini, Christina Grupioni, Cristiane Oliveira,
Danúbia Gardênia, Denis Monteiro, Fernando Rangel, Flavia Londres,
João Sobral, Júlio Pacheco, Laura Barroso, Leosmar Antônio, Lorena Anahi,
Luísa Melgaço, Luiz Filho, Marcelo Almeida, Mariana Fonseca,
Míriam Nobre, Natália Almeida e Raro de Oliveira

Equipe de relatoria das Plenárias de Abertura e de Encerramento do IV ENA

Bárbara Lopes, Larissa Cabral e Raíra Tavares

Facilitação gráfica das Plenárias de Abertura e de Encerramento do IV ENA

Repentistas do Desenho

Os textos do Caderno 1 foram elaborados e revisados coletivamente durante a Oficina de Imersão – Cadernos do IV ENA, realizada em dezembro de 2018. Essa oficina reuniu cerca de 20 pessoas representantes das supercomissões de trabalho, da secretaria executiva e das plenárias do IV ENA (mulheres, juventudes e indígenas), além da Secretaria Executiva da ANA e da equipe de sistematização dos cadernos. Algumas pessoas não participaram da oficina, mas contribuíram posteriormente com a revisão dos textos.

Tiragem

450 exemplares

SUMÁRIO

07

MEMÓRIAS DO IV ENA
JUNTAR CACOS PARA
CONSTRUIR VITRAIS

09

APRESENTAÇÃO DO IV ENA
MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR

11

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO:
COMO OS CADERNOS ESTÃO
ORGANIZADOS?
APRESENTAÇÃO DO PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO E DO
CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

12

MAPA DOS CADERNOS

14

A IDENTIDADE DOS CADERNOS:
MEMÓRIAS DAS MULHERES

15

QUEM SÃO AS MULHERES
QUE INSPIRAM O QUADRO

17

COMO USAR ESTES CADERNOS?

19

AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM
A AGROECOLOGIA E SE
ENTRELAÇAM NA ANA

21

OS ENCONTROS NACIONAIS DE
AGROECOLOGIA (ENAS)

23

IV ENA: AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA
UNINDO CAMPO E CIDADE

25

A AGROECOLOGIA COMO FORÇA ANCESTRAL,
RESISTÊNCIA PERMANENTE E ANÚNCIO
DE OUTRO MUNDO POSSÍVEL

28

PROGRAMAÇÃO DO IV ENA

29

O IV ENA EM NÚMEROS

34

PLENÁRIA FINAL

45

ATO POLÍTICO E BANQUETE
POPULAR AGROECOLÓGICO

48

INSPIRAÇÕES PARA A
CONSTRUÇÃO DESTE CADERNO

49

ANEXOS

49

CARTA MANIFESTO DO ESPAÇO
AGROECOLÓGICO DE RESISTÊNCIA
À MINERAÇÃO

55

CARTA CONVOCATÓRIA PARA O XI
CONGRESSO BRASILEIRO DE
AGROECOLOGIA (XI CBA)

55

MOÇÃO DE PESAR AO ASSASSINATO DE
KATISON DE SOUZA, DO MOVIMENTO DOS
PEQUENOS AGRICULTORES (MPA), NA
REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA)

56

MOÇÃO DE DENÚNCIA AO DESCASO NA
PROTEÇÃO DE OSVALINDA E DANIEL,
DE TRAIRÃO (PA)

MEMÓRIAS DO IV ENA

JUNTAR CACOS PARA CONSTRUIR VITRAIS



AQUI ESTÃO REUNIDAS ALGUMAS MEMÓRIAS DE UM PROCESSO DIVERSO, DESCENTRALIZADO E PLURAL QUE OCUPOU E COLORIU AS RUAS DE BELO HORIZONTE (MG), MAS QUE, SOBRETUDO, MOBILIZOU DIFERENTES TERRITÓRIOS DO PAÍS.

Segundo Ecléa Bosi — mulher estudiosa das histórias e das recordações —, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

E foi a partir de muito trabalho coletivo que esta publicação ganhou corpo; um trabalho desafiador de reconstruir os vitrais¹, os fios e os diversos caminhos percorridos na construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Ecléa fala da memória, essa capacidade de conservar, lembrar e percorrer o vivido. Após 17 anos do nosso encontro no Rio de Janeiro (RJ), 12 anos depois do nosso encontro no Recife (PE) e 4 anos após o nosso encontro em Juazeiro (BA), realizamos novamente, em um contexto político tão desafiador, um processo nacional iluminado por um movimento descentralizado e coletivo.

Mesmo que você não tenha estado presencialmente no IV ENA, o convite aqui é para que escolha um lugar no Parque Municipal de Belo Horizonte para estar e para, pelo menos por alguns minutos, permitir-se algumas sensações. Ainda que nem todas e todos conheçam as ruas e os contornos da capital mineira, a terceira maior metrópole do país, é possível, de alguma forma, ouvir os tambores e ver as cores das bandeirolas entre árvores e bambus; é possível também contemplar e se maravilhar com a diversidade de pessoas, de saberes, de sabores, de “esperançares” vindos de norte a sul do Brasil.

Se esteve presente, procure a primeira memória, quem sabe a mais forte, a que mais emocionou você, e, a partir dela, percorra os momentos vividos durante aqueles dias. Sente-se, feche os olhos, respire fundo e deslize pelas páginas a seguir revivendo os

1. O subtítulo deste texto tem inspiração no texto Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais, de Elza Falkembach (disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3139554/mod_resource/content/1/Juntando%20cacos,%20construindo%20vitrais%20-%20Elza%20Maria%20Fonseca.pdf).

gostos e cheiros, lembrando os abraços dos reencontros, os sorrisos e acenos vindos de longe, do outro lado da multidão.

Essa diversidade fez de Belo Horizonte território de encontro para celebrar resistências e afirmar nossa força coletiva. Mesmo sem ter estado fisicamente no IV ENA, é possível sentir o coração aquecer e pulsar pela agroecologia, pela democracia, pela terra e pela defesa de tantos direitos ameaçados.

Organizada em sete cadernos, a sistematização do IV ENA é, assim, um convite para que possamos reviver e nos reencontrar com pessoas, sentimentos, desafios, denúncias, potências e muitos outros processos que compuseram um balaio diverso de atividades e lembranças.

Com a certeza de que qualquer mergulho neste processo seria incompleto, nossa sistematização foi artesanal. Exigiu bricolagens, novas pesquisas e escutas, idas e vindas aos vídeos e às fotos. Esforços grandes, mas seguros de sua incapacidade de retratar a riqueza de momentos, processos e conteúdos tão diversos e imersos em distintas complexidades e cuidados.

Este conjunto de cadernos é um presente à cidade de Belo Horizonte, que acolheu de braços abertos a construção desse território agroecológico e que se desafiou, neste contexto político e financeiro tão adverso, a receber muito mais de 2 mil pessoas no

Parque Municipal Américo Renné Giannetti, no Plug Minas e em vários cantos, casas e praças. É também um presente aos territórios, às mulheres, às juventudes, aos povos e às comunidades tradicionais que, com força e coragem, fizeram do IV ENA um sonho possível.

A capa de cada caderno, suas ilustrações e seu percurso de construção representaram desafios que compartilhamos com muito cuidado. Esperamos que este conjunto de cadernos desperte, remexa e conecte as memórias e as experiências que cada uma e cada um carrega, além de fortalecer os anúncios que as organizações, os coletivos e os movimentos sociais envolvidos neste bonito processo desejam visibilizar.

Em tempos de tantos retrocessos, desafios e medos, em que nossas memórias estão sendo apagadas, compartilhar histórias tecidas pelo povo na construção de alternativas aos modelos predatórios de produção de alimentos e da vida nos parece um dos nossos compromissos políticos e pedagógicos na construção da nossa resistência.

Mais à frente, os textos apresentam melhor o IV ENA e o processo coletivo que tornou possível esta publicação. Desejamos um ótimo passeio pelas nossas memórias.

Com muito carinho,

Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)

APRESENTAÇÃO DO IV ENA

**MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR!**

BELO HORIZONTE (MG) PRESENCIOU, ENTRE OS DIAS
31 DE MAIO E 3 DE JUNHO DE 2018, A CULMINÂNCIA DE
UM INTENSO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA AGROECOLOGIA E
DA DEMOCRACIA CONSTRUÍDO POR MÚLTIPLOS ATORES QUE
COMPÕEM A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA)
NOS MAIS DIVERSOS CONTEXTOS SOCIOAMBIENTAIS DO BRASIL.

Evocando os 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988 e em torno do lema *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) reuniu, na capital mineira, mais de 2 mil participantes, além de aproximadamente 40 mil moradoras/es, que visitaram os espaços abertos do evento.

Corpos, cores, cheiros, sotaques, sabores, quereres e saberes de todos os estados brasileiros ocuparam o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, ganhando centralidade, em meio à profusão de experiências, ao protagonismo das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo, das florestas, das águas e das cidades. Enredadas/os na mesma construção do bem viver, marcaram presença no encontro povos indígenas de 38 etnias, quilombolas, camponesas/es, extrativistas, pescadoras/es,

faxinalenses, agricultoras/es familiares rurais e urbanas/os, geraizeiras/os, sertanejas/os, vazanteiras/os, quebradeiras de coco, caatingueiras/os, criadoras/es em fundos e fechos de pasto, seringueiras/os, representantes de comunidades ribeirinhas, de povos tradicionais de matriz africana e de povos de terreiro. Também participaram técnicas/os, educadoras/es, pesquisadoras/es, extensionistas e estudantes, gestoras/es públicas/os, representantes da cooperação internacional e aliadas/os da agroecologia vindas/os de 14 países da América Latina, do Caribe e da Europa.

Com 70% do público composto por agricultoras/es familiares, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, o IV ENA aconteceu com participação paritária entre mulheres e homens, valorizando, de forma expressiva, a presença das juventudes.

Ao longo dos seus quatro dias de realização, a programação do Encontro contou com mais de 100 atividades, incluindo plenárias, seminários temáticos, tendas com instalações artístico-pedagógicas dos territórios, vivências e oficinas autogestionadas. Também foram promovidos a *Feira Saberes e Sabores*, a *Feira da Agro biodiversidade*, o *Espaço da Saúde*, a *Ciranda Infantil* e apresentações artístico-culturais.

A efervescência de todo esse caldo político e cultural ganhou as ruas de Belo Horizonte em um ato público em favor da agroecologia e da democracia, seguido de uma farta partilha no *Banquete Popular Agroecológico*, que selou o Encontro.

Não só nos dias do IV ENA, mas também nos encontros regionais, estaduais e locais preparatórios, a expressão dessa construção coletiva, descentralizada e diversa reverberou nos diferentes territórios, dando visibilidade às experiências de sujeitos que resistem denunciando as ofensivas do modelo de desenvolvimento dominante e anunciando a potência dos

seus modos de existir, produzir e de defender o bem viver.

Para preservar a memória desse rico processo que transbordou nos dias do IV ENA e que permanece gerando frutos, preparamos uma coletânea de registros que conta os desafios e aprendizados desse importante fórum de agroecologia e seus legados para o movimento agroecológico brasileiro. São cadernos que trazem as vozes e diversidades da agroecologia, com o propósito de fazer emergir diferentes pautas, sentidos políticos, convergências e disputas travadas em torno da sustentabilidade da vida.

Esperamos que esta leitura possa despertar o desejo de um Brasil cada vez mais agroecológico — no pleno sentido do projeto de sociedade engendrado pela Articulação Nacional de Agroecologia e por seus sujeitos —, bem como inspirar e animar iniciativas diversas de construção de outra realidade possível: justa, democrática e solidária!

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: COMO OS CADERNOS ESTÃO ORGANIZADOS?

APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DO CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito.

Ecléa Bosi

Neste processo de construção das memórias do IV ENA, a sistematização como um potente processo de registro, organização de conteúdo e de partilha sensível dos nossos aprendizados coletivos tornou-se para nós uma oportunidade de colher histórias e registros para além da feitura de um relatório.

Estes cadernos nasceram da preocupação da Secretaria Executiva e do Coletivo Nacional de Comunicação da ANA em construir um documento acessível, lúdico e com um investimento afetivo e técnico que pudesse partilhar um material com capacidade de diálogo com a sociedade — transbordando nossos campos mais convencionais de comunicação e “falando” para fora das nossas fronteiras de interação.

Com isso, optamos por investir energia em um material didático, no formato de caderno, afastando-nos um pouco da ideia inicial de anais — publicação extensa e co-

mumente usada para registrar encontros e eventos acadêmicos. Arriscamo-nos, assim, a produzir um material interativo, que se desafiasse a estar mais próximo às pessoas e mais presente em nosso cotidiano de trabalho, atuação, estudo e criação.

Cadernos possíveis de rabiscar, recriar, ajustar e comprometidos com esse desafio sempre incompleto de criar “escutadores”, como brinca Ecléa Bosi na epígrafe que abre esta apresentação. Cada relatoria, oficina, conversa, foto e vídeo reabriu uma caixa infinita de histórias. Por isso, temos certeza da incompletude deste material.

Outra aposta foi construir um conjunto de cadernos que impulsionassem outros processos pedagógicos e políticos nos territórios. Cadernos de memórias desenhados para serem disparadores de outras histórias e lembranças, reativando a potência do processo de construção do IV ENA.

Cadernos estes só possíveis pela colaboração de muitas mãos, rascunhados e palavrados por representantes de comissões diversas, em momentos e situações distintas. Esse material começou a ser sonhado coletivamente no Rio de Janeiro, em uma reunião no dia 10 de agosto de 2018, com parte da Comissão Organizadora do IV ENA, e, desde então, envolveu uma equipe composta por quatro pessoas, além da parceria atenta da Secretaria Executiva da ANA. Pessoas que mobilizaram muitas outras, em reconhecimento de que seria impossível sistematizar e expressar a beleza e força do Encontro sem partilhar seus princípios coletivos, descentralizados e diversos de construção.

Assim sendo, dois espaços presenciais mais ampliados foram convocados para reunir múltiplas cooperações: uma oficina sobre a alimentação e o *Banquete* do IV ENA, no dia 26 de outubro de 2018, em Belo Horizonte; e uma oficina de imersão, com pessoas das diferentes comissões organizadoras do Encontro, nos dias 6 e 7 de dezembro do mesmo ano, em Prudente de Moraes (MG), para compartilhar e revisar coletivamente o material até então elaborado, e também para colher complementações. Mantendo ainda, de forma permanente, diálogos virtuais e presenciais com essas/es e outras/os representantes.

MAPA DOS CADERNOS



CADERNO 1 – AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM A AGROECOLOGIA E SE ENTRELAÇAM NA ANA

Esse fascículo contextualiza as raízes que sustentam o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) e apresenta a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a trajetória dos encontros nacionais para, então, adentrar a experiência do Encontro, sua constituição, sua realização, seus balanços e seus aprendizados.



CADERNO 2 – SENTIR, PENSAR E AGIR: O PROCESSO PREPARATÓRIO

Apresenta o intenso desenrolar de reflexões e ações que resultaram no IV ENA em Belo Horizonte. Além das estratégias, dinâmicas e atividades construídas pelas comissões organizadoras e supercomissões de trabalho, o Caderno 2 traz também alguns dados, histórias, desafios e aprendizados do processo preparatório do Encontro.



CADERNO 3 – O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA: METODOLOGIAS, PROCESSOS COLABORATIVOS E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Partilha aprendizados sobre o processo de construção metodológica do IV ENA, apontando alguns dos seus princípios, e sistematiza em fichas-resumo algumas das diversas atividades que desenharam a programação do Encontro.



CADERNO 4 – SUJEITOS COLETIVOS: PROCESSOS AUTO-ORGANIZADOS E AS PLENÁRIAS NO IV ENA

Apresenta os principais diálogos construídos pelas mulheres, juventudes, indígenas e quilombolas em seus processos auto-organizados preparatórios ao IV ENA, bem como em suas plenárias ao longo do Encontro.



CADERNO 5 – SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO IV ENA: SEMEANTEIRAS DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Compartilha as experiências e reflexões de 14 atividades temáticas que aconteceram simultaneamente no IV ENA. Os temas que serviram de referência para cada seminário foram escolhidos devido ao potencial de aglutinar debates referentes à construção da agroecologia no Brasil e, dessa forma, catalisar novas aprendizagens e propostas de ação.



CADERNO 6 – A VOZ DOS TERRITÓRIOS: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

Esse é o caderno que colhe os frutos, as memórias, os anúncios e as denúncias que pulsam em diversos territórios. Seminários territoriais construídos a partir das *Instalações Artístico-Pedagógicas* são a matéria-prima dessa publicação, que traz sínteses, em mapas e tabelas, que reúnem as mais de 47 experiências agroecológicas socializadas durante as atividades.



CADERNO 7 – AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM

Esse caderno fecha ou abre, dependendo do ponto de vista, o ciclo de memórias do IV ENA. Expressa, em imagens, depoimentos, números e emoções, o processo de construção do Encontro e o colorido de seus dias.

A IDENTIDADE DOS CADERNOS: MEMÓRIAS DAS MULHERES

O conceito proposto retrata em uma só tela sete mulheres cujas presença e liderança foram essenciais para a construção do IV ENA. A proposta foi de a tela servir como uma obra de arte em si mesma, mas também como ilustrações individuais de capa para os sete cadernos que compõem esta coletânea.

Essas mulheres representam, cada uma a seu modo, o coração do movimento agroecológico no Brasil. Conhecer um pouco de suas vidas e lutas nos últimos meses foi um sopro de esperança no cenário atual, tão propício a retrocessos e tão ameaçador para a vida desta terra que nos sustenta. Uma lembrança oportuna de quem realmente alimenta este país.

A intenção ao retratá-las, além da homenagem a personalidades específicas, é mostrar o rosto real das lutas agrárias, ambientais e sociais no Brasil — o que muitas vezes é perdido em meio aos ainda enraizados preconceitos e institucionalismos. São femininas as mãos que plantam nosso solo; negras, LGBTI+s, quilombolas, indígenas, curandeiras, camponesas e muito mais. Assim tem sido por toda a nossa história, e esse é um pequeno esforço no caminho do reconhecimento e da valorização do povo que verdadeiramente vive pelas terras brasileiras. Não para esgotar seus recursos de maneira predatória e gananciosa, mas para que elas floresçam, prosperem e alimentem com saúde suas filhas e seus filhos.



Esses rostos foram retratados em meio à natureza, que também protagoniza a agroecologia, entre rios, animais e plantas, que são verdadeiras riquezas deste país. Mananciais de vida que a terra tão generosamente oferece e que, nessa delicada e complexa teia socioambiental, tecem a manta necessária para nossa existência. As bandeirolas, as mandalas de sementes e o rio da vida são elementos afetivos

que simbolizaram o IV ENA, lembrando o Encontro construído a muitas mãos, a festa da celebração dos nossos esforços por uma vida mais saudável e harmônica. Um retrato possível do Brasil em suas cores e lutas tão variadas — as quais, nesta vasta extensão territorial, resistem de norte a sul. Que os frutos se multipliquem e que a terra esteja sempre fértil para o plantio de nossas esperanças!

QUEM SÃO AS MULHERES QUE INSPIRAM O QUADRO

JOANA FERNANDES SEBBEN: representante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) da região oeste de Santa Catarina (SC). Joana é uma das entrevistadas do curta-metragem *Mulheres da Terra*, produzido pela Plural Filmes. Ela conta das experiências com sementes e da resistência da mulher camponesa no Sul do Brasil (Capa do Caderno 1).

MAYÓ PATAXÓ: terapeuta indígena da Aldeia Pataxó Nova Coroa (BA). É parceira e liderança em processos terapêuticos nos encontros de agroecologia, principalmente em Minas Gerais, onde anima uma cooperativa voltada aos cuidados, dentre os quais se destaca a Troca de Saberes, na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (Capa do Caderno 2).

JULIANA DE MEDEIROS DINIZ: agricultora urbana de Magé (Região Metropolitana do Rio de Janeiro). É integrante do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj) e da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU) e criadora, entre tantas magias, da farinha de jiló (Capa do Caderno 3).

AMANDA XUKURU: Amanda Leite Santos tem 24 anos e é mais conhecida no seu povo como Amanda Xukuru. Mora no território indígena Xukuru do Ororubá, na aldeia Capim Planta, na cidade de Pesqueira (PE). Faz parte do coletivo Juventude Xukuru do Ororubá Poyá Limolaygo (*Pé no Chão*). Kursou Agroecologia no Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), em Ibimirim (PE) (Capa do Caderno 4).

APARECIDA ARRUDA: mais conhecida como Tatinha, cultiva ervas, produz remédios caseiros de plantas medicinais e lanches naturais no Ervanário São Francisco, em Belo Horizonte, e compartilha seus conhecimentos em oficinas e cursos, bem como na Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau), da qual participa desde o seu início, em 2004 (Capa do Caderno 5).

DONA DIJÉ: Maria de Jesus Bringelo: mulher quilombola, maranhense, mãe e avó, quebradeira de coco-babaçu e fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); liderança dos povos e comunidades tradicionais, fez sua passagem em setembro de 2018 (Capa do Caderno 6).

ALESSANDRA MUNDURUKU: jovem líder do povo Munduruku na Amazônia brasileira. Alessandra se juntou à luta de sua comunidade por sobrevivência quando esta foi ameaçada pela inundação do projeto da megabarragem da Usina Hidrelétrica do Tapajós, no Pará (Capa do Caderno 7).

COMO USAR ESTES CADERNOS?

*É do presente que parte o chamado
ao qual a lembrança responde.*

Henri Bergson

Ao longo de todos os cadernos, buscamos relembrar a sensível conexão entre discurso e prática. Esperamos que esta publicação possa colorir as prateleiras de organizações, universidades e bibliotecas, mas ir além.

Para nós, partilhar este conjunto de cadernos, desta forma, é mais uma maneira de reforçar a potência da agroecologia de construir novas relações, cuidados, formas de diálogo e ação política.

Listamos brevemente algumas poucas e singelas ideias que podem ser acionadas, além de muitas outras, para que todas e todos nós possamos assumir, nas nossas localidades, colégios, escolas, assentamentos, fóruns, Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) e feiras (entre outros muitos espaços nos quais estamos presentes), esse compromisso coletivo de lançar em muitos ventos e terrenos férteis as sementes disseminadas no IV ENA:



enagroecologia.org.br

- Organizar lançamentos dos cadernos em espaços públicos, mesclando a apresentação do material com a exibição de vídeos, com celebrações musicais e gastronômicas.
- Realizar banquetes populares em espaços públicos.
- Fazer *releases* e divulgar o material na imprensa local, em sites e jornais regionais, promovendo entrevistas.
- Utilizar parte do material como referência de estudo em aulas, oficinas e palestras.
- Construir jornais murais síntese dos cadernos e expor nas comunidades rurais e urbanas.
- Promover rodas de mulheres para leitura de seções especiais.
- Elaborar varais, spots de rádio e exposições fotográficas com trechos, imagens e depoimentos dos cadernos.
- Visitar o site **Agroecologia em Rede** e inserir novos relatos e experiências no mapa de anúncios e denúncias.





AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM A AGROECOLOGIA E SE ENTRELAÇAM NA ANA

Em um movimento de identificação e reconhecimento entre os múltiplos atores que constroem as raízes da agroecologia nos territórios e biomas brasileiros, emergiu, em 2002, no campo político nacional, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). A Articulação tem se consolidado como resposta à necessidade de um espaço de confluência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajados em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

Atualmente, a ANA articula redes estaduais e regionais, que reúnem centenas de grupos, associações e organizações não governamentais, além de movimentos sociais de abrangência nacional. Três frentes de trabalho são prioritárias na sua atuação:

1) A articulação de iniciativas agroecológicas realizadas pelas organizações e pelos sujeitos que as compõem, fomentando o intercâmbio e a reflexão coletiva sobre desafios

e lições extraídos dos programas de desenvolvimento local e territorial.

2) A incidência sobre as políticas públicas, a partir do diagnóstico dos gargalos e desafios ao desenvolvimento da agroecologia, elaborando propostas para a criação e o aprimoramento de ações e programas que promovam o aumento de escala da agroecologia nos territórios.

3) A comunicação com a sociedade, buscando visibilizar a realidade da agricultura familiar e as propostas defendidas pelo campo agroecológico, bem como estimular atitudes proativas em defesa dessas propostas.

Entre as temáticas enfatizadas pela Articulação podem ser citadas: a construção do conhecimento agroecológico, notadamente nos campos da Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), da Educação e da Pesquisa; a conservação e o uso sustentável da biodiversidade, com foco prioritário nas sementes locais e nos produtos do extrativismo; o protagonismo das mulheres;

o abastecimento e a construção social de mercados; a soberania e a segurança alimentar e nutricional; a reforma agrária e os direitos territoriais de povos e comunidades tradicionais; o acesso e a gestão das águas; a agricultura urbana; o enfrentamento aos agrotóxicos e transgênicos; as normas sanitárias para produtos da agricultura familiar; o crédito para financiamento da agricultura familiar; e a comunicação e cultura populares.

Desde a constituição da ANA, foram realizados quatro Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs), que são seu principal fórum de discussão e decisão das estratégias políticas e que, predominantemente, têm a presença de agricultoras/es, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. Eles aconteceram em 2002, no Rio de Janeiro (RJ); em 2006, no Recife (PE); em 2014, em Juazeiro (BA); e, em 2018, em Belo Horizonte (MG).

Em decorrência do III ENA, foi gerado um novo espaço para avaliação e debate de estratégias da Articulação: a Plenária Nacional, que tem acontecido anualmente. Os direcionamentos definidos tanto nos ENAs quanto nas plenárias nacionais são encaminhados pelo Núcleo Executivo e pela Secretaria Executiva da ANA.

Existem ainda, nas dinâmicas organizativas da ANA, Grupos de Trabalho (GTs) e coletivos permanentemente abertos à participação de interessadas/os, nos quais são promovidos espaços de intercâmbio de experiências, de formulação de propostas e negociação de políticas públicas. Atualmente, estão ativos o GT de Biodiversidade, o GT Juventudes, o GT Mulheres, o GT Ater, o Coletivo de Agricultura Urbana e o Coletivo de Comunicação e Cultura da ANA.

Em síntese, a Articulação Nacional de Agroecologia cumpre o importante papel de construir unidade política e vocalizar suas demandas no diálogo com a sociedade e com os governos. A ANA tem se legitimado cada vez mais como ator político representante do campo agroecológico, proponente e interventor no aperfeiçoamento de políticas públicas, como pode ser verificado na sua contribuição na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Cnapo), no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (Condrap).

No plano nacional, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo) e o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo) atestam a capacidade de afirmação da proposta agroecológica pelas organizações e pelos movimentos integrados à ANA. Já no plano internacional, o crescente reconhecimento social e político da agroecologia tem sido evidenciado pela diversidade de documentos oficiais que indicam o enfoque agroecológico como única alternativa capaz de enfrentar estruturalmente as múltiplas dimensões da crise civilizatória que se aprofunda como resultado de padrões de desenvolvimento ambientalmente insustentáveis e socialmente excludentes.

OS ENCONTROS NACIONAIS DE AGROECOLOGIA (ENAS)

Os Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs) têm exercido papel determinante na afirmação política dos múltiplos segmentos da sociedade identificados com a agroecologia ao favorecerem momentos de profunda conexão e troca entre a pluralidade de experiências trazidas pelas/os participantes, de reconhecimento das diversidades e celebração de unidades, sentidos, valores e visões do movimento agroecológico.

Como oportunidades para a realização de balanços e sínteses sobre os desafios e avanços do campo agroecológico brasileiro, afloram nos ENAs não apenas denúncias de violações de direitos, mas também estratégias e alternativas aos problemas partilhados, em um processo impulsionado pela potência afetiva, criativa e resistente do coletivo. Desse modo, os encontros nacionais cumprem um papel muito importante de permitir a troca de experiências em curso em todo o país, de forma que os aprendizados técnicos e metodológicos possam ser compartilhados; de discutir os efeitos das políticas públicas para a agricultura familiar e para os povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais; e de alcançar visibilidade pública para a agenda política do movimento agroecológico junto aos governos e à sociedade.

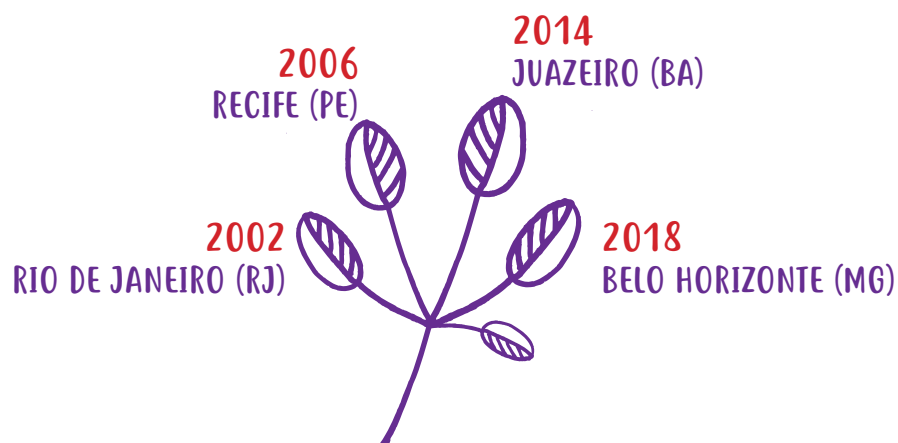
Ao longo de suas edições, os ENAs têm orientado as ações políticas da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). No I Encontro, realizado em 2002, no Rio de Janeiro (RJ), a ANA identificou e teceu alianças estratégicas com organizações, redes e movimentos que igualmente lutam pela democracia e pela sustentabilidade da vida, em um processo



de reconhecimento do campo agroecológico. O II ENA, ocorrido no Recife (PE), em 2006, explicitou as oposições entre os modelos de desenvolvimento propostos pela agroecologia e pelo agronegócio, cobrando do Estado a implementação de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agroecologia. Uma das repercussões do Encontro foi o surgimento do processo de *Diálogos e Convergências*, que culminou na realização do Encontro Nacional de Diálogos e Convergências, em Salvador (BA), em 2011, cuja dinâmica interativa e permanente fortaleceu, de modo recíproco, as redes nacionais em defesa da agroecologia, da soberania e segurança alimentar e nutricional, da economia solidária, da saúde coletiva, da justiça ambiental e do feminismo.

Com o questionamento central: “Por que interessa à sociedade apoiar a agroecologia?”, o III ENA, realizado em Juazeiro (BA), em 2014, representou um salto na construção política agroecológica, ao aprofundar o olhar territorial a partir de 14 Caravanas Agroecológicas e Culturais preparatórias, culminando em um grande encontro que reuniu 2.100 pessoas de todos os estados do Brasil em torno do lema *Cuidar da Terra, Alimentar a Saúde e Cultivar o Futuro*. Foi alcançada visibilidade pública para a importância da agroecologia e de seus ensinamentos em todos os biomas brasileiros, bem como para a luta das mulheres por igualdade de gênero, em torno do lema *Sem Feminismo, Não Há Agroecologia*.

Em uma conjuntura marcada por grandes contradições, de expansão do agronegócio sobre territórios e de manifestações de violações de direitos territoriais, com a implantação de grandes obras de infraestrutura que pavimentaram o projeto de desenvolvimento econômico calcado no extrativismo predatório de bens naturais, a agroecologia se posicionou como referência para a construção de caminhos alternativos aos padrões dominantes. Foi um período de adensamento político do campo agroecológico e de crescente afirmação de suas proposições perante a sociedade, expressado tanto na multiplicação e crescente visibilidade pública das experiências agroecológicas quanto na institucionalização da perspectiva agroecológica em políticas e programas executados por órgãos públicos das três esferas da Federação.



IV ENA: AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

Como expressão de resistência em uma conjuntura marcada pelo aprofundamento da crise política e econômica, que recai desigualmente sobre as populações historicamente negligenciadas pelo poder público, aconteceu, em Belo Horizonte, entre os dias 31 de maio e 3 de junho de 2018, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade foi o lema do Encontro, em referência aos 30 anos de promulgação da Constituição de 1988, em um gesto de celebração pelas conquistas alcançadas pós-redemocratização com a força das mobilizações da sociedade civil e de reivindicação de efetivação das garantias legais previstas pela Constituição Cidadã. Desse modo, o IV ENA veio demarcar um posicionamento político crítico no contexto de golpe, de ofensiva neoliberal e de desmonte de políticas públicas, afirmando junto da sociedade civil brasileira a luta por democracia e por “Nenhum Direito a Menos!”.

Tendo em vista que a evolução das experiências em agroecologia em todo o território nacional está intimamente ligada à criação de políticas nos âmbitos federal, estadual e municipal, o Encontro veio reiterar o quanto é indispensável não só a manutenção, mas também o aprimoramento das iniciativas de promoção e fortalecimento da agricultura familiar. Além disso, ancorado nas evidências dos múltiplos impactos positivos da agroecologia, o ENA teve como grande objetivo promover espaços de diálogo entre o campo e a cidade, ampliando a capacidade de comunicação com diversos setores sobre “por que interessa à sociedade apoiar a agroecologia”.



O rico processo de articulação entre a pluralidade de experiências agroecológicas e organizações da sociedade civil em Minas Gerais foi um propulsor para que a capital mineira fosse escolhida como local de acolhimento desse grande encontro. Nos anos recentes, observam-se no estado o aumento da produção e a diversificação da oferta de alimentos saudáveis, a partir do impacto das políticas federais, estaduais e municipais de fomento à agroecologia, além de existirem, no momento de construção do IV ENA, espaços ativos de interlocução entre o governo de Minas Gerais e a sociedade civil sobre políticas para agricultura familiar, agroecologia e segurança alimentar e nutricional. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, especificamente, há iniciativas pioneiras no campo da agricultura urbana, bem como trabalhos reconhecidos de promoção da segurança alimentar e nutricional. Também são identificadas iniciativas inovadoras de movimentos e coletivos que propõem a ocupação dos espaços públicos e o envolvimento das juventudes em ações culturais e de defesa de direitos.

Considerando a transformação social proposta pelo movimento agroecológico nos cenários belo-horizontino, mineiro e nacional, vários sentidos políticos nortearam a realização do IV ENA, dentre os quais podem ser citados:

- ★ Dar visibilidade à disputa de projeto de sociedade e às importantes lutas que acontecem cotidianamente nos territórios, evidenciando a ação dos sujeitos que praticam a agroecologia como construção de proposta de um campo contra-hegemônico.
- ★ Revigorar o movimento agroecológico, acenando para o papel protagonista das mulheres, das juventudes, dos sujeitos coletivos das florestas, das águas, dos campos e das cidades.
- ★ Aprofundar o que se entende por conexão entre cidade e campo, olhando para a cidade como território, conhecendo o que significa agroecologia da e na cidade e ressignificando o direito à cidade.
- ★ Apresentar para amplos setores da sociedade experiências do campo, das florestas, das águas e das cidades que mostram os múltiplos benefícios da agroecologia: produção de alimentos saudáveis; recuperação e conservação de fontes de água, da biodiversidade, das florestas e dos solos; democratização do uso da terra; geração de trabalho digno e renda; e valorização das identidades e das culturas representadas pela diversidade dos sujeitos.
- ★ Manifestar posicionamento crítico e denunciar o desmonte das políticas públicas e a violação dos direitos, conclamando setores urbanos a se

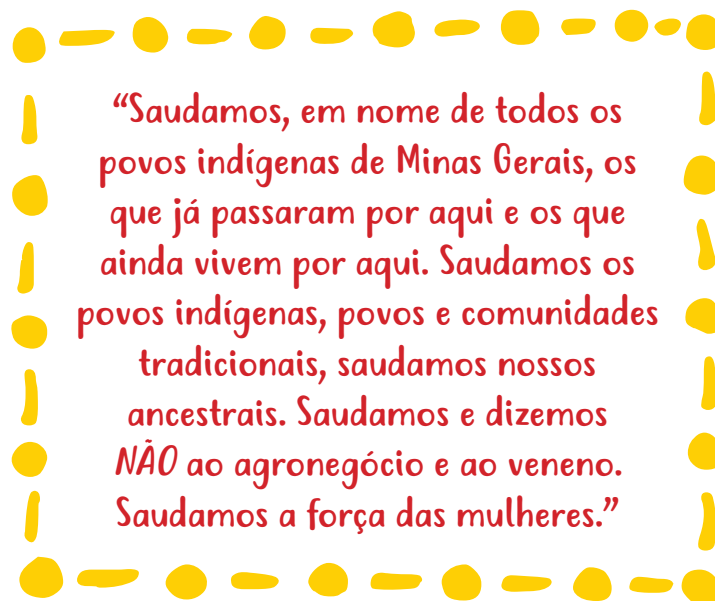
engajarem na defesa de políticas e ações públicas para a reforma agrária e na defesa dos territórios dos povos e das comunidades tradicionais, assim como no fortalecimento da agricultura familiar e camponesa e da agricultura urbana.

- ✳ Estreitar laços e ampliar alianças do movimento agroecológico com redes, fóruns e movimentos sociais que interagem com a perspectiva agroecológica, avançando no diálogo sobre a agroecologia e a função social das cidades e afirmando valores emancipatórios para a vida das mulheres — contra o machismo e o patriarcado — e em favor dos direitos das juventudes — contra o racismo e o etnocídio.
- ✳ Aprofundar o debate sobre os sentidos estratégico e político da comunicação e da cultura, no contexto de hegemonia das corporações da comunicação e de ofensiva conservadora em relação à cultura, e afirmar a comunicação e a cultura como direitos, sem os quais a democracia é ameaçada e a agroecologia não alcança, na plenitude, o seu potencial transformador.

A AGROECOLOGIA COMO FORÇA ANCESTRAL, RESISTÊNCIA PERMANENTE E ANÚNCIO DE OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Contrariando a insegurança social alimentada pelo alarde em torno da greve das/os caminhoneiras/os², Belo Horizonte se viu colorir de gente, florescendo vida e política, em sentido amplo, nos dias do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA). A exemplo da delegação de Rondônia, que percorreu mais de três mil quilômetros no contexto de desabastecimento, caravanas de todas as regiões do Brasil encararam a teimosia de se colocar na estrada, sem garantia de combustível, mas com um impulso esperançoso que as fizeram chegar repletas de força à capital mineira.

2. Com duração entre os dias 21 e 30 de maio, a paralisação das/os caminhoneiras/os gerou severos impactos em todo o país, em reivindicação à redução da carga tributária sobre o diesel. Houve desabastecimento de combustível e de produtos em todas as regiões brasileiras, revelando a vulnerabilidade e a insustentabilidade do sistema de produção e abastecimento alimentar pelas corporações do agronegócio. Houve risco de comprometimento da realização do IV ENA nesse contexto, mas foi afirmada a decisão política de permanência da data diante dos indícios de resistência e ousadia das delegações.



Nesse espírito de luta e resistência, a abertura do IV ENA reverenciou a sabedoria ancestral que sustenta a agroecologia, com manifestações culturais e políticas de saudação e reconexão com os povos negros e indígenas, encadeadas com falas de representantes de diferentes povos e da Comissão Organizadora do Encontro. Crenças, rezas, costumes e modos de vida foram dançados e cantados junto às/aos participantes, em uma mística de valorização dos alimentos e de partilha repleta do simbolismo e da espiritualidade que constituem a agroecologia, remetendo ao sentido de cultivar e cultivar que a fundam.

Com a presença de representantes de 38 etnias indígenas, a abertura do IV ENA saudou a Mãe Terra, dizendo da preocupação da nação indígena com a preservação dos bens comuns e do enfrentamento às mineradoras, em especial no estado mineiro. *"A Mãe Terra é o que nós precisamos para viver. Coloquem o poder de governar e o país na mão dos indígenas e só haverá respeito e melhora da natureza."*

Povos de terreiro demonstraram seu sentimento de felicidade e de honra por participar da construção do Encontro, reivindicando o reconhecimento do protagonismo dos povos tradicionais na constituição da agroecologia e do Brasil: *"Precisamos que movimentos como este se tornem uma constante, que o respeito e a tolerância se tornem um contínuo entre nós. Que os povos indígenas e tradicionais sejam reconhecidos como os verdadeiros donos da terra. Que o povo entenda o sentido de território para nós e a importância de se respeitar quem cuida realmente da terra, sem degradar. E que possamos ter cada dia mais alimentos saudáveis na nossa mesa. Que a soberania esteja na mão daqueles que podem produzir harmonicamente com a natureza, em comunhão. Aproveitamos o dia de hoje para exigir o fim da exploração das/os agricultoras/es familiares e o fim da exploração das nossas tradições. Saravá, umbanda; saravá, todos os povos!"*

Reforçando o sentimento de um povo originário e tradicional plural, que caminha uno na construção da nação brasileira, os povos do Congado saudaram Nossa Senhora do Rosário e resgataram o sentido de integração entre os verdadeiros donos da terra e da soberania do país. “É com muita defumação, reza e saudações aos que vieram antes de nós que damos início ao IV Encontro Nacional de Agroecologia, nesse horizonte que é belo e de utopia na construção de um mundo mais justo e solidário. Estamos representando aqui nossos ancestrais que usavam as plantas medicinais não só para curar as dores do corpo, mas as da alma. Respeitem as benzedeadas e as rezadeiras. Que os grandes espíritos venham abençoar a abertura desses trabalhos. Salve o rei Sol, salve a mãe Lua, salve a Estrela Guia. ‘Um abraço dado de bom coração é o mesmo que uma benção, uma benção, meu irmão!’”

Em meio às manifestações artísticas e políticas, a Comissão Organizadora reforçou as boas-vindas às/aos participantes e o sentido de uma agroecologia que se alimenta de culturas, diversidades, teimosias e esperanças, lançando um olhar de retrospectiva para a caminhada dos ENAs, seus desafios e suas conquistas, e de prospecção dos sentidos do IV Encontro, seu contexto e suas expectativas em relação aos seus legados. “As lutas do povo brasileiro permitiram novos circuitos de comercialização, condições de vida dos menos favorecidos e muitos outros avanços para a classe trabalhadora. Com o golpe de 2016, que destituiu um governo legitimamente eleito, assistimos às forças usurpadoras contra a democracia massacrarem de forma violenta o nosso povo — assassinatos de indígenas, quilombolas e militantes; corte de recursos etc. Pela primeira vez, o ENA é realizado em praça pública. Isso foi um propósito de dialogar com o tema Agroecologia



e Democracia Unindo Campo e Cidade. Dedicaremos estes dias aqui para refletir, junto do conjunto da sociedade, como a agroecologia vem sendo construída em diferentes partes do Brasil. Avaliaremos também como o golpe vem sendo refletido nos nossos diferentes territórios e como a agroecologia vem sendo cada vez mais colocada como uma alternativa a este modelo violento de produção hegemônica.”

Ainda em celebração à chegada de tantas/os companheiras/os, a abertura do Encontro se constituiu também como oportunidade de contextualização do espaço do Parque Municipal Américo Renné Giannetti, de breve panorama acerca da programação e dos acordos entre as/os participantes, além de um momento de agradecimento ao território que acolheu o IV ENA, a todas as pessoas que se envolveram diretamente na sua construção, às/aos suas/seus apoiadoras/es e financiadoras/es.



IV ENA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA

programação

	31 de maio (quinta)	1º de junho (sexta)	2 de junho (sábado)	3 de junho (domingo)
Manhã	Das 8h às 12h: Acolhida das/os participantes, credenciamento e reuniões setoriais	7h30: Montagem das instalações pedagógicas 9h às 12h: Seminários Territoriais	9h às 12h: Seminários nacionais Plenárias (indígena, quilombola, juventudes) Oficinas e atividades autogestionadas Vivências (experiências em BH)	8h às 10h: Ato Público 10h às 12h: Banquete Popular Agroecológico no Parque Municipal
Tarde	Das 14h às 17h: Plenária das Mulheres na Grande Tenda do Parque	14h às 17h30: Seminários Temáticos 18h às 19h: Feira da Agrobiodiversidade	14h às 15h30: Continuidade das atividades da manhã 16h às 19h: Plenária Final na Grande Tenda do Parque	
Noite	Das 19h às 22h: Abertura Político-Cultural do IV ENA na Grande Tenda do Parque	19h30 às 22h: Apresentações Artístico-Culturais na Grande Tenda do Parque	20h: Apresentações Artístico-Culturais no Viaduto de Santa Tereza	
FEIRA SABERES E SABORES			Das 9h às 17h	Das 9h às 13h
PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	Das 14h às 22h	Das 14h às 22h	Das 9h às 17h	Das 9h às 13h
ESPAÇO DA CIRANDA	Das 14h às 17h	Das 7h30 às 12h e 14h às 17h30	Das 9h às 12h e 14h às 19h	
ESPAÇO DA SAÚDE	Das 14h às 17h	Das 9h às 17h	Das 9h às 17h	Das 9h às 13h

ATENÇÃO! Nos dias 31\05 (dia todo) e 1\06 (até as 18h), a programação é voltada para a participação das delegações dos territórios.

O IV ENA EM NÚMEROS

6 PLENÁRIAS



Momentos de discussões específicas acerca da realidade das mulheres, juventudes, indígenas e quilombolas, seus desafios e suas resistências na construção do movimento agroecológico, além da *Plenária de Abertura* e da *Plenária Final* do Encontro.

16 INSTALAÇÕES ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS DOS TERRITÓRIOS



Organizadas por biomas (Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa) e também pelos “territórios” do litoral e das metrópoles, as instalações artístico-pedagógicas foram ferramentas metodológicas utilizadas nos *Seminários Territoriais*, permitindo reflexões a respeito do papel e da contribuição das redes para o avanço da agroecologia, bem como sobre a importância das políticas públicas para o desenvolvimento das experiências e sobre os bloqueios enfrentados nos territórios.

14 SEMINÁRIOS TEMÁTICOS



Espaços de diálogo sobre temas estratégicos para a agroecologia, buscando atualizar e contextualizar suas propostas e seus desafios no contexto histórico e político.

13 VIVÊNCIAS



Momentos de intercâmbio entre o IV ENA e as experiências territoriais articuladas na Região Metropolitana de Belo Horizonte, com base na valorização e no contato real com práticas concretas e de resistência e fortalecimento da agroecologia.

5 SEMINÁRIOS NACIONAIS



Espaços de debate que tiveram por objetivo apresentar metodologias de trabalho e de sistematização de redes territoriais de agroecologia; refletir coletivamente sobre os desafios para a construção de políticas públicas relacionadas à agroecologia; socializar estratégias comunitárias, autônomas e criativas de gestão territorial de bens comuns; e discutir mecanismos institucionais para oficializar denúncias de violação dos direitos humanos.



CIRANDA INFANTIL

Espaço de acolhida, lúdico, educativo, alegre e divertido, pensado para o cuidado com as crianças do IV ENA e de estímulo à criatividade e à imaginação, integrando as crianças com as temáticas, os princípios e as atividades do Encontro.

49 ATIVIDADES AUTOGESTIONADAS



Importantes momentos de compartilhamento de saberes e fazeres, com o objetivo de criar um ambiente de interação e troca entre as/os participantes do IV ENA e a sociedade, principalmente com a população de Belo Horizonte e da Região Metropolitana que esteve no Parque Municipal.



RELATORIA E FACILITAÇÃO GRÁFICA

78

PESSOAS NA EQUIPE DE RELATORIA (56 MULHERES E 22 HOMENS)

25

PESSOAS NA EQUIPE DE FACILITAÇÃO GRÁFICA (17 MULHERES E 8 HOMENS)



FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE

Ambiente de troca de sementes, mudas e intercâmbios sobre a diversidade biológica e cultural preservada pelos saberes ancestrais.



FEIRA SABERES E SABORES E PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

Para além de ambientes de comercialização de alimentos saudáveis, a *Feira* se constituiu como um espaço de integração e troca de experiências entre expositoras/es e consumidoras/es e de divulgação de publicações produzidas por organizações presentes no Encontro. No IV ENA, contamos com:

+30

VOLUNTÁRIAS/OS
NA ORGANIZAÇÃO
DA FEIRA

100

BARRACAS PARA
EXPOSIÇÃO E VENDA
DE ALIMENTOS



COMUNICAÇÃO E CULTURA

79

COMUNICADORAS/ES
POPULARES
(49 MULHERES
E 30 HOMENS)



REPRESENTANTES DE
GRUPOS, COLETIVOS,
ARTISTAS DE DIFERENTES
ESTADOS DO BRASIL



FORMAÇÃO D'O GRANDE
BLOCO DO ENCONTRO,
COMPOSTO POR INTEGRANTES
DE SEIS BLOCOS DE CARNAVAL



MOBILIZAÇÃO

51

PESSOAS ASSUMIRAM O PAPEL DE
ANTENAS EM TODOS OS ESTADOS
DO BRASIL E NO DISTRITO FEDERAL



BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO

Foi um momento de consagração da abundância e da diversidade cultural e agroalimentar do Brasil. Sua construção nasceu nos cultivos agroecológicos do campo e da cidade, e seu crescimento se deu com os saberes e as artes que transformaram os ingredientes em formas, sabores e histórias. Sua concepção, desde o início, foi de viabilização de um ato político que desse visibilidade às lutas por comida de verdade no campo e na cidade, a partir de outras estratégias de sensibilização e comunicação com a sociedade. No IV ENA, tivemos:

+60

VOLUNTÁRIAS/OS
NA PREPARAÇÃO
DO BANQUETE

16

MESTRAS DA
COZINHA

1,2

TONELADA DE
ALIMENTOS



ESPAÇO DA SAÚDE FERNANDO LUIZ VIEIRA

Homenageando Fernando Luiz Vieira, agricultor urbano que lutou por mais de 20 anos pelo bem-estar de todas/os em seu ofício de raizeiro e benzedeiro e fez sua passagem no dia 26 de maio de 2017, o *Espaço da Saúde* trouxe para o IV ENA harmonia, carinho e cuidado integral com as/os participantes do Encontro.

96

VOLUNTÁRIAS/OS DE VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL
COMPARTILHARAM SEU TEMPO E CONHECIMENTO PARA ATENDER
A CERCA DE 600 PESSOAS QUE PASSARAM PELO ESPAÇO

27

MODALIDADES
DE PRÁTICAS DE
SAÚDE OFERTADAS

606

PESSOAS ATENDIDAS
(449 MULHERES E
157 HOMENS)



CAMPANHA DE FINANCIAMENTO COLETIVO



META DE ARRECADAÇÃO,
ESTIPULADA EM R\$ 100 MIL,
ULTRAPASSADA EM R\$ 7 MIL



APOIO DE QUASE 700
PESSOAS DE 25 ESTADOS
BRASILEIROS E DO
DISTRITO FEDERAL



RECICLAGEM POPULAR

2,49

TONELADAS DE
RESÍDUOS GERADOS
NO IV ENA

760

KG RECICLADOS
(30,5%)

1.380

KG COMPOSTADOS
(55,5%)

350

KG DE REJEITOS
ATERRADOS (14%)



SOLIDARIEDADE

1.880

KG DE ALIMENTOS NÃO UTILIZADOS
NO IV ENA FORAM DOADOS
AO BANCO DE ALIMENTOS DA
PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

40

INSTITUIÇÕES SOCIOASSISTENCIAIS
BENEFICIADAS (CERCA DE 6 MIL
PESSOAS)

PLENÁRIA FINAL

O encerramento do IV Encontro Nacional de Agroecologia foi um momento de afirmação de compromissos políticos e reflexão sobre os rumos do movimento agroecológico brasileiro, diante de todos os aprendizados construídos ao longo do Encontro, com suas denúncias, seus anúncios e suas propostas. Foi, ainda, uma oportunidade de agradecimento pelos afetos e saberes generosamente compartilhados.

A *Plenária Final* do Encontro foi organizada em cinco momentos diferentes:

- Saudação às/aos gestoras/es e representantes de organizações que apoiaram o IV ENA e o movimento agroecológico e espaço de breve pronunciamento sobre os compromissos assumidos por esses atores.
- Leitura das moções de apoio produzidas durante o IV ENA.
- Leitura das sínteses das plenárias das Mulheres, das Juventudes, dos Povos Indígenas e dos Povos Quilombolas.
- Leitura da Carta Política do IV ENA.
- Considerações finais.



SAUDAÇÃO ÀS/AOS PARCEIRAS/OS PRESENTES

Afirmaram sua atuação na defesa da agroecologia representantes da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (Seplag-MG); do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); do Ministério Público Federal; da Frente Parlamentar pelo Desenvolvimento da Agroecologia e Produção Orgânica; e das delegações e agências de cooperação internacional; tendo sido ainda registrada a presença de representantes da Fundação do Banco do Brasil.

LEITURA DAS MOÇÕES

As/os participantes do IV ENA endossaram apoio:

- À Carta Manifesto do Espaço Agroecológico de Resistência à Mineração: “Por um país soberano e sério, contra os saques do nosso minério”.
- À Carta Convocatória para o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (XI CBA Agroecologia).
- À moção de pesar ao assassinato de Katison de Souza, do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), na Região Metropolitana de Belém (PA).
- À moção de denúncia ao descaso na proteção de Osvailinda Maria e Daniel Alves, de Trairão (PA), ameaçados pela atuação na defesa do direito à terra e da produção agroecológica³.

LEITURA DAS SÍNTESES DAS PLENÁRIAS

Foram socializadas com todas/os as/os participantes do Encontro as sínteses coletivas das plenárias realizadas ao longo do IV ENA: *dos Povos Indígenas, dos Povos Quilombolas, das Juventudes e das Mulheres*. Tais documentos reúnem os principais pontos de reivindicação, denúncias e resistências construídos por esses sujeitos ao longo dos espaços específicos de discussão e podem ser conferidos no Caderno 4.

3. Conferir, nos Anexos, a Carta Manifesto do Espaço Agroecológico de Resistência à Mineração; a Carta Convocatória para o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (XI CBA); a Moção de pesar ao assassinato de Katison de Souza, do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), na Região Metropolitana de Belém (PA); e a Moção de denúncia ao descaso na proteção de Osvailinda Maria e Daniel Alves, de Trairão (PA).

DEPOIMENTO | ANALIA TUXÁ
(CACIQUE DO POVO TUXÁ, BURITIZEIRO - MG)

“Esta carta traz denúncias e também propostas. Eu fico muito triste por saber que, em pleno terceiro milênio, a gente possa ver tanta negação de direitos, principalmente o direito dos povos indígenas, quilombolas e tradicionais. Quem cuida da terra são os povos em suas comunidades. Neste momento, eu me sinto muito feliz por ter participado pela primeira vez do ENA e muito mais feliz por ter tido este encontro com outras comunidades. Estamos em tempo de união, de lutar pelo mesmo direito, que é o direito da Mãe Terra.

Aproveito a oportunidade para saudar Marielle Franco (vereadora do PSOL-RJ), assassinada há três meses no Rio de Janeiro, e até hoje não descobriram quem é seu assassino e quem mandou matá-la. Mataram Marielle, mas não podem matar suas ideias. Saudações também a Gaudino Pataxó-Hã-Hã-Hãe, que foi morto porque lutava pelos direitos da terra. Saudações ao Mestre Roque, grande liderança e sabedor da ciência.

Eu não desejei ser cacique, mas se aqui estou é porque o meu povo viu em mim um espírito de liderança. E eu tenho muito orgulho de dizer a vocês, irmãs e irmãos, que nosso nome está escrito na história, vamos defender nosso território. Como é bom pescar nosso próprio peixe, plantar nossa batata, nossa macaxeira e nos alimentar. É isso que nós queremos: alimentar nosso povo. A gente não precisa de riqueza, porque nossa riqueza maior é nossa Mãe Terra.

Os povos indígenas desse Brasil são os primogênitos da terra. Os negros e negras que vieram em caravelas para serem escravizados aqui clamam pela Mãe África. Mas a Mãe África também está no Brasil, e eu tenho muito orgulho de chamar os quilombolas de meus irmãos. Vamos lutar juntos. É momento de conscientização. É momento de amarmos uns aos outros e de nos alimentarmos do melhor da terra, sem o uso de veneno, porque o agrotóxico faz mal à terra. Agradeço a oportunidade deste Encontro.

POVOS QUILOMBOLAS

“Ó meu pai quilombo, eu também sou quilombola, a minha luta é todo dia, é toda hora.
Ó meu pai quilombo, dizem que Zumbi morreu, mas ele está vivo. Ele luta como eu.

SAUDAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS

“Ó cabocla de pena, tem pena de mim, tem dó.

Precisam de mim para respirar.

Como assim, se minhas matas não param de cortar?

Os meus rios poluíram, minhas nascentes já nem dão.

*O meu sagrado sangue está sendo arrancado do chão
pra fazer negócio e matar a sede da população.*

Abra seus olhos e veja a minha situação.

Estão acabando com o meu sangue.

O que pra vocês significa esse chão?

Me chamam de mãe, me consideram madrinha.

Eu, fui eu quem te dei a farinha, o arroz e o pão.

Mas, no fim, teu obrigado é aumentar a pressa da população.

Tu morrerás. Eu vou fazer crescer flor no meio do sertão.

Vou fazer correr rio no meio do sertão.

E de ti não sobrar nem a próxima geração.

Salve a rainha da floresta. Viva os orixás.



“DIVERSIDADE CONECTA A CIDADE E O CAMPO

Chega de ficar parado olhando a navalha da injustiça cortando os direitos e sonhos da gente, do meu pé de serra.

Nosso amor por justiça e paz rompe barreiras.

No seio desta terra, juventudes unidas gritam mais forte: ouvir!

E, neste IV ENA, as juventudes de todas as regiões do nosso país trouxeram o lema A nossa ousadia é o campo e a cidade na luta pela agroecologia!

MULHERES

“A nossa luta é todo dia, somos memória da agroecologia!”



LEITURA DA SÍNTESE DA CARTA POLÍTICA DO IV ENA

Como resultado do intenso diálogo promovido ao longo do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), a Carta Política do Encontro reafirma a agroecologia como alternativa para a superação do modelo de desenvolvimento ambientalmente predatório e socialmente injusto que permanece dominando as orientações políticas do Estado brasileiro.

As experiências de agroecologia debatidas no evento, vindas de todos os biomas brasileiros, apresentam soluções concretas para o enfrentamento conjugado dos desafios ambientais e sociais, dando sentido político ao lema do IV ENA: *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*. A versão parcial da carta segue abaixo, e o documento completo pode ser acessado no site:



enagroecologia.org.br

CARTA SÍNTESE DO IV ENA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

Com este lema, nós, participantes do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), reunimo-nos entre os dias 31 de maio e 3 de junho de 2018 no Parque Municipal da cidade de Belo Horizonte (MG). Pela primeira vez, realizamos nosso Encontro em praça pública. Essa opção sinaliza nosso empenho em nos comunicarmos diretamente com o povo das cidades. Somos 2 mil pessoas, vindas de todos os estados brasileiros. Somos trabalhadoras/es do campo, das florestas, das águas e das cidades, portadoras/es de diferentes identidades socioculturais: povos indígenas de 38 etnias, quilombolas, agricultoras/es familiares, camponesas/es, extrativistas, pescadoras/es artesanais, faxinalenses, agricultoras/es urbanas/os, geraizeiras/os, sertanejas/os, vazanteiras/os, quebradeiras de coco, caatingueiras/os, criadoras/es em fundos e fechos de pasto, seringueiras/os, representantes de comunidades ribeirinhas, de povos tradicionais de matriz africana e povos de terreiro, técnicas/os, educadoras/es, pesquisadoras/es, extensionistas e estudantes, além de gestoras/es públicas/os, representantes da cooperação internacional e aliadas/os da agroecologia vindas/os de 14 países do Caribe, da América Latina e da Europa. Com a presença majoritária de trabalhadoras/es rurais, nosso Encontro alcançou participação paritária entre mulheres e homens, contando também com a expressiva presença das juventudes.

Viemos a Belo Horizonte para celebrar nossas lutas e conquistas. Viemos para renovar nossas esperanças. Para reforçar a unidade de um movimento constituído de tantas e tão expressivas diversidades. A agroecologia cultua e se alimenta da diversidade.

O ENA é o espaço para compartilharmos os saberes e os sonhos que trouxemos na nossa bagagem cuidadosamente preparada em muitos e muitos encontros realizados pelo Brasil afora. Esses eventos preparatórios contribuíram para fortalecer nossas articulações e redes locais, estaduais e regionais e para atualizar a nossa identidade em torno de valores, princípios e práticas que convergem para uma mesma direção: democracia e bem viver.

Ao mesmo tempo que anunciam caminhos nessa direção, as vozes dos territórios que aqui ecoaram denunciam a violência e o autoritarismo do latifúndio, dos monocultivos, da mineração, das obras de hidrelétricas e dos demais projetos do grande capital orientados a explorar a natureza de forma predatória para a produção de commodities, produtos ou bens primários comercializados nas bolsas internacionais de mercadorias e valores. Denunciam também o sistemático apoio

político, econômico e ideológico dado pelo Estado brasileiro a esses projetos, em benefício de uma minoria parasitária que se nutre de um modelo de desenvolvimento e de abastecimento alimentar socialmente excludente e comprometedor da saúde coletiva. Um modelo ancorado no chamado “livre mercado”, que concebe a terra de trabalho e de vida como uma mercadoria como outra qualquer a ser transacionada nos circuitos do capital financeiro especulativo.

Os três primeiros ENAs, realizados em 2002, 2006 e 2014, ocorreram em um período de significativas conquistas do campo agroecológico brasileiro. Apesar da não realização das reformas estruturais necessárias para a democratização do acesso aos bens da natureza, a começar pela terra, importantes políticas públicas foram conquistadas nesse período. Foram políticas inspiradas em experiências e proposições da sociedade civil que abriram caminho para a democratização do acesso a recursos públicos, contribuindo para o fortalecimento das redes de agroecologia que se fazem presentes em todo o país. Em 2012, várias dessas políticas foram reunidas para compor a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, uma inovação institucional que se somou à Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, instituída em 2006.

Os efeitos positivos dessas conquistas não tardaram a aparecer. Em pouco menos de uma década, o Brasil saiu do Mapa da Fome, das Nações Unidas, em 2014. Políticas de convivência com o Semiárido transformaram a realidade de uma região que já havia contabilizado mais de um milhão de mortes humanas pelos efeitos da seca no início dos anos 1980. Na última grande seca, finalizada no ano passado, a maior em 100 anos, temos orgulho de dizer que nenhuma vida humana foi perdida. Desde o início dos anos 1990, as lutas populares permitiram a conquista da terra para mais de 1 milhão e 200 mil famílias camponesas e extrativistas. Novos circuitos de escoamento da produção, amparados por compras públicas, sinalizaram estratégias para a democratização do consumo de alimentos de alta qualidade, promovendo a segurança alimentar e nutricional de segmentos da sociedade que até então tiveram esse direito negado. Políticas afirmativas deram os primeiros passos no sentido de enfrentar desigualdades históricas entre homens e mulheres no mundo rural e de reconhecer os direitos territoriais de povos indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais.

Essa trajetória virtuosa marcada por conquistas, mas também por profundas contradições, sofreu uma ruptura com o golpe parlamentar-jurídico-midiático que destituiu, em 2016, um governo eleito com mais de 54 milhões de votos. Após o golpe, assistimos ao mais poderoso cerco contra conquistas democráticas

desde o golpe civil-militar, de 1964. No plano institucional, o efeito imediato dessa ruptura, perpetrada por forças usurpadoras da democracia, foi o desmonte sistemático de políticas públicas duramente conquistadas pela sociedade brasileira nos últimos 30 anos, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Com o golpe de 2016, os impactos do desmonte neoliberal sobre o Estado Democrático de Direito são sentidos de forma cada vez mais aguda em nossas comunidades e nossos territórios. O recrudescimento da violência no campo apresenta-se como a mais cruel e dolorosa evidência dessa realidade.

O número de assassinatos de companheiras/os, trabalhadoras/es rurais sem-terra, indígenas, quilombolas, posseiras/os, pescadoras/es, assentadas/os, entre outros, cresceu bruscamente a partir de 2015. Segundo levantamento da Comissão Pastoral da Terra, somente em 2017 ocorreram 71 assassinatos, mais que o dobro quando comparado a 2013 e o maior número desde 2003. Os números relacionados à violência contra as mulheres, LGBTI+s e jovens negras/os das periferias urbanas também se multiplicam. Assistimos a manifestações explícitas de machismo, de racismo e de tantos outros preconceitos. O flagelo da fome volta às manchetes. O número de desempregadas/os e de desalentadas/os não para de subir. Ondas de conservadorismo se disseminam na sociedade, impulsionadas por um perfil de mídia que desinforma, despolitiza e estimula a intolerância.

O IV ENA foi convocado e organizado nesse contexto crítico da vida nacional. Enfrentamos sérias dificuldades para viabilizar materialmente o nosso Encontro e o seu processo preparatório. Mas sabíamos da importância de nos superarmos para realizá-lo. Essa superação veio da capacidade de mobilização das energias militantes alimentadas em nossas lutas cotidianas pela agroecologia e pela construção da democracia, nas florestas, nas águas, no campo e na cidade. Veio do espírito combativo de cada pessoa e da organização, que, de forma criativa e cooperativa, contribuiu para a construção e realização do Encontro.

Esse espírito foi colocado à prova na semana que antecedeu o IV ENA, quando o país praticamente parou pela interrupção do fornecimento de combustíveis em razão do movimento de paralisação das/os caminhoneiras/os. Dentre os muitos aspectos revelados por esse episódio, um foi destaque no IV ENA: a vulnerabilidade e a insustentabilidade do sistema de produção e abastecimento alimentar imposto por um conjunto restrito de corporações do agronegócio. A natureza antipopular e anti ecológica do modelo que desconecta a produção do consumo alimentar e o campo da cidade foi exposta pela crise de desabastecimento gerada em poucos dias de paralisi-

sação. Um sistema de distribuição que depende do transporte a grandes distâncias e do consumo voraz de combustíveis fósseis, fazendo com que os territórios importem cada vez mais o que consomem e exportem cada vez mais o que produzem.

As vozes dos territórios ouvidas em nosso Encontro mostraram como a agroecologia vem sendo construída em todas as regiões do país, em formas de resistência criativa colocadas em prática pelas nossas organizações e redes, e se constitui como uma alternativa a esse sistema homogeneizador e autoritário. Além de contribuir diretamente para o alcance da soberania e da segurança alimentar e nutricional do povo, elas mostraram como as redes territoriais de agroecologia são decisivas na construção da sociedade justa, igualitária e sustentável pela qual lutamos. Ao mesmo tempo, essas vozes denunciaram o golpe e o processo de desconstrução de direitos em curso.

O IV ENA foi uma demonstração inequívoca do crescimento do movimento agroecológico no Brasil. Antes de tudo, esse crescimento é uma conquista das lutas populares pela democratização do Estado e da sociedade brasileira. Nosso Encontro mostrou a força da luta das mulheres contra o patriarcado e o machismo. Sob o lema Sem feminismo, não há agroecologia, na luta contra a invisibilidade e a violência, as mulheres vêm conquistando seus espaços de direito, fazendo suas vozes e seus anseios ecoarem cada vez mais alto, elevando o movimento agroecológico a um novo patamar na luta pela democracia. Com firmeza, as mulheres negras afirmaram o quanto ainda é mais cruel a violência sofrida por elas e apontaram a urgente necessidade de que o movimento agroecológico levante a seguinte bandeira: Se tem racismo, não há agroecologia.

As juventudes presentes deixaram evidente que a agroecologia é uma utopia real: com suas próprias experiências e manifestações, que expressam coerência entre o discurso e a prática agroecológica, apontaram caminhos para o rejuvenescimento das agriculturas e dos sistemas agroalimentares, respeitando as diversidades de meios e modos de vida. As juventudes se posicionaram também na defesa da diversidade das orientações sexuais ao afirmarem que Com LGBTIfobia, não há agroecologia.

Apesar dos riscos do atual momento histórico, a oportunidade de nos encontrarmos para debater os horizontes abertos à democratização da sociedade a partir de nossas vivências nos dá a certeza de que somos portadores de boas notícias e de caminhos alternativos para a superação da lógica do capital, que dilacera a sociedade e dilapida a natureza. Essa certeza nos enche de coragem e alegria. O IV ENA foi a expressão condensada desses sentimentos.

Constatamos que o nosso movimento se amplia e se enriquece pela construção de alianças políticas e pelo crescente engajamento de outros movimentos e coletivos que lutam pela democracia e pela sustentabilidade da vida.

A efetiva participação de representantes de organizações indígenas, quilombolas, extrativistas e de muitos outros povos e comunidades tradicionais é uma expressão de que a agroecologia se encontra com ela mesma, com suas raízes fundadoras. Esse é um avanço decisivo para reafirmar a essência do nosso movimento e nos prevenirmos contra as tentativas de cooptação que pretendem reduzir a agroecologia a um enfoque tecnocrático de “esverdeamento” da agricultura industrial.

A presença, no nosso Encontro, de companheiras/os do movimento pela agroecologia de outros países evidencia que a nossa luta por transformações estruturais é internacional e que devemos ampliar nossas redes de solidariedade e intercâmbio entre as organizações populares do campo agroecológico de todo o mundo.

Geodésicas de bambu; reciclagem popular de resíduos em parceria com movimentos de catadoras/es; alimentos ecológicos produzidos, preparados e servidos por trabalhadoras/es sem-terra; Tenda da Saúde, com práticas terapêuticas populares; Ciranda Infantil; trocas de sementes; Feira Saberes e Sabores, com produtos dos territórios conquistados e defendidos; e partilha de conhecimentos, valorizando as culturas populares, são expressões da economia do cuidado, da reciprocidade e da solidariedade. Essas práticas vivenciadas no nosso Encontro demonstram como a agroecologia é central para a construção de outras economias e outras relações sociais que se opõem à privatização dos bens comuns e à mercantilização da vida próprias da lógica do capital.

Permaneceremos mobilizadas/os, a partir de nossos territórios, na luta para que a agroecologia e o protagonismo da sociedade civil organizada sejam reconhecidos e promovidos pelas políticas públicas do Estado em todos os níveis e esferas de poder. No imediato, isso significa nossa defesa enfática da realização de eleições livres e democráticas. Significa também somarmos nossa voz em defesa da liberdade do ex-presidente Lula.

Reafirmamos nossa firme determinação de fortalecer a Articulação Nacional de Agroecologia enquanto uma rede de redes, em diálogos e convergências com diferentes segmentos da sociedade, no campo e na cidade. Somente com o compromisso de buscar a unidade na diversidade seremos capazes de dar passos rumo à construção de um projeto democrático e popular para o Brasil. Temos a clareza da dimensão estratégica da aliança entre a comunicação popular e a educação do campo para fortalecer as lutas contra-hegemônicas.

Continuaremos empunhando nossas bandeiras e cultivando, no campo, nas florestas, nas águas e na cidade, a consciência de que a construção da agroecologia e da democracia está em nossas mãos.

Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade! Viva a Articulação Nacional de Agroecologia! Viva a Luta dos Povos!

Belo Horizonte, 3 de junho de 2018

*Este IV ENA demonstrou também a riqueza da ocupação e ressignificação do espaço e dos equipamentos públicos pela população e pelos movimentos atuantes em Belo Horizonte. A realização do **II Festival Estadual de Arte e Cultura da Reforma Agrária**, entre os dias 14 e 16 de dezembro de 2018, no mesmo Parque Municipal Américo Renné Giannetti, que abrigou o IV ENA, sob a organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e com a aproximação do movimento de Economia Solidária em Minas Gerais, demonstra a potência de o povo colorir de luta os espaços que são seus por direito. Durante o IV ENA, a articulação realizada junto ao Fórum Metropolitano de Economia Popular Solidária (EPS), à Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social (Sedese) e à Associação Amanu, de Jaboticatubas (MG), resultou no empréstimo das barracas utilizadas na **Feira Saberes e Sabores**. Como desdobramento dessa articulação, foi oficializada a parceria entre o movimento de EPS e o movimento de agroecologia, viabilizando o empréstimo de barracas também para o **II Festival Estadual de Arte e Cultura da Reforma Agrária**.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PLENÁRIA

Encerrando o Encontro, a Articulação Nacional de Agroecologia expressou publicamente seu profundo agradecimento às delegações que vieram dos diferentes territórios para participar do IV ENA, em especial à inspiradora força e determinação da caravana de Rondônia, a primeira a pegar a estrada animando todas as outras delegações a desafiarem as ameaças de desabastecimento de combustível e rumarem para Belo Horizonte. Além disso, foi enfatizado o trabalho incansável da Coordenação Estadual de Minas Gerais para a realização do Encontro e também foi feito agradecimento especial às companheiras e aos companheiros do Assentamento Denis Gonçalves, de Juiz de Fora (MG), responsáveis pela construção das geodésicas de bambu utilizadas como estrutura no evento.

ATO POLÍTICO E BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO

A construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi um esforço de ressignificar criativamente as formas de diálogo da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) com a sociedade em geral e também com as organizações da cidade e do campo que se identificavam com a agroecologia, mas não tinham atuação prévia nessas lutas. Esse processo de busca de construção de unidade se refletiu fortemente durante o Encontro, quando, no dia 1º de maio, uma delegação com representantes de várias organizações e regiões articuladas pelo movimento Quem Luta Educa participou junto a petroleiras/os de um ato em frente à refinaria Gabriel Passos (Regap), localizada em Betim (MG) e Ibirité (MG), em defesa da Petrobras e pela saída do então presidente da estatal, Pedro Parente. As mais de 300 pessoas que integravam o ato, entre elas representantes de movimentos sindicalistas, feministas e de juventude de Minas e do Brasil, foram convidadas a participar também do IV ENA.

No dia seguinte, 2 de maio, aconteceu um dos maiores protestos do ano em Belo Horizonte. Logo na concentração, mulheres do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) fizeram uma intervenção em frente ao Memorial de Minas Gerais da Vale — museu de arte e cultura patrocinado pela mineradora Vale. Com falas e uma performance artística, as participantes denunciaram a ação criminosa da empresa contra o povo e a natureza de Minas Gerais e do país inteiro. As mulheres manifestaram sua indignação e sua solidariedade com as companheiras e os companheiros de Mariana (MG): “Estamos aqui contra a Vale, que destrói nossa soberania, nossa memória, nosso corpo e nossos territórios”.

Em seguida, cerca de 10 mil pessoas marcharam nas ruas da capital mineira, trazendo música, teatro, palavras de ordem e a expressão da força de lutadoras e lutadores do povo de todo o Brasil em uma bonita manifestação. Com os motes da agroecologia e da democracia, as/os manifestantes reivindicaram a liberdade de Lula, denunciaram os retrocessos do governo golpista nas políticas para o campo e a cidade e as ações criminosas de grandes empresas que destroem a natureza e a vida das pessoas. Ruas foram tomadas pela defesa da democracia e pelo anúncio da agroecologia como parte necessária de um projeto popular feminista, antirracista, colorido e popular para o Brasil.



Faixas e adereços construídos no processo preparatório e durante o IV ENA expressaram denúncias e anúncios que se materializam nos territórios de diferentes biomas.

A mobilização também foi construída com a participação da coordenação do Sindicato Único dos Trabalhadores de Educação (Sind-UTE), de modo que envolvesse as/os mais de 2,5 mil trabalhadoras e trabalhadores do setor que participavam de seu 11º congresso. A vivência comum da mobilização permitiu a professoras e professores de todo o estado conhecerem as bandeiras e os sujeitos que constroem a agroecologia, com enorme potencial de propagar este debate até as salas de aula.

Na chegada do ato ao Parque Municipal de Belo Horizonte, o IV ENA foi coroado com um grande e diverso *Banquete Popular Agroecológico*, um momento de consagração da abundância e da diversidade cultural e agroalimentar do Brasil. Desde o início, o banquete foi pensado como ato político de luta por comida de verdade no campo e na cidade, a partir de outras estratégias de sensibilização e comunicação com a sociedade.

O Banquete Popular Agroecológico foi uma ferramenta potente de diálogo com a sociedade e fez parte do ato político realizado no último dia do Encontro. A parceria com a Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional/Prefeitura de Belo Horizonte (Susan/PBH) possibilitou o uso da cozinha do Mercado da Lagoinha, fortalecendo o diálogo da sociedade civil com o poder público e levando uma metodologia popular para dentro de um espaço institucional. Além da cozinha do Mercado da Lagoinha, a construção do banquete e o preparo da alimentação do IV ENA agregou e fortaleceu outros ambientes, a exemplo do Banco de Alimentos, inclusive promovendo consertos de materiais de trabalho, como a câmara fria, geladeiras e freezers quebrados. Além do aspecto material, a experiência mostrou a força da cozinha criativa e coletiva. A partir do Banquete, o Restaurante Popular, que foi utilizado durante o IV ENA, passou a oferecer a opção vegetariana, incorporando o tropeiro sem carne no seu cardápio, inspirando a criação de novas receitas, a partir dos alimentos disponíveis, e reinventando as possibilidades de se pensar a alimentação escolar.

Como cada passo da caminhada movimenta nosso fazer coletivo, é importante lembrar que os processos metodológicos visíveis e invisíveis na construção do IV ENA são resultado de uma colheita diversa e plural, que tem as ações das Caravanas Agroecológicas e Culturais, realizadas desde 2013 em todo o Brasil; pelo acúmulo da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA); pelos processos pedagógicos que são tecidos nas Trocas de Saberes, encontros animados pelo Programa de Extensão Teia da Universidade Federal de Viçosa (UFV); pelo percurso dos Congressos Brasileiros de Agroecologia e pelas experimentações do Projeto de Sistematização, estes dois últimos construídos pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), além de muitos outros fazeres e práticas do povo que resiste, existe e colore este Brasil.

INSPIRAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DESTE CADERNO

- ▶ Relatoria da *Plenária de Abertura* e da *Plenária de Encerramento* do IV ENA.
- ▶ Contexto. Articulação Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://enagroecologia.org.br/contexto>.
- ▶ O que é a ANA. Articulação Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/o-que-e-a-ana>.
- ▶ Caderno do Participante IV ENA. Disponível em: http://enagroecologia.org.br/files/2019/06/caderno_participante_IVENA-1.pdf.
- ▶ Carta Política do IV ENA. Disponível em: http://enagroecologia.org.br/files/2019/03/carta_politica_web.pdf.
- ▶ Mulheres fazem ação em frente a Memorial da Vale em MG: “A Vale não vale nada!”. Disponível em: <https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/mulheres-fazem-acao-em-frente-a-memorial-da-vale-em-mg-a-vale-nao-vale-nada>.
- ▶ Somos todas petroleiras: delegação do ENA se soma a ato em refinaria em Betim/MG. Disponível em: <https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/somos-todos-petroleiros-delegacao-do-ena-se-soma-a-ato-em-refinaria-em-betimmg>.
- ▶ Texto *Mobilização IV ENA*, escrito por Bernadete Esperança e Miriam Nobre.

ANEXOS

CARTA MANIFESTO DO ESPAÇO AGROECOLÓGICO DE RESISTÊNCIA À MINERAÇÃO

O IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), desde suas sementes, busca um olhar sobre o Encontro como um processo. No trajeto até aqui, muitas vezes o tema da mineração foi abordado e apontado como central, principalmente pelo território que escolhemos para esse grande encontro. Em Minas Gerais e em outros estados, a mineração vem devastando territórios e comunidades, ameaçando e inviabilizando uma série de alternativas de vida, de produção e de renda. Lutar pela agroecologia é também denunciar, enfrentar e buscar alternativas para as constantes ameaças do grande capital aos territórios.

QUAIS SÃO AS VIOLAÇÕES DE DIREITOS IMPOSTAS PELA MINERAÇÃO?

A falta de água sempre foi uma preocupação na agroecologia, o que tem se agravado ano a ano com a diminuição das chuvas, principalmente em alguns períodos do ano e em locais mais críticos. Mesmo as regiões onde a água é, historicamente, abundante encontram-se com problemas de abastecimento. No Brasil e no mundo, o agronegócio é a atividade que mais prejudica a disponibilidade de água potável, tanto pela necessidade de uso intenso na monocultura quanto pela poluição das bacias e águas subterrâneas com o uso de agrotóxicos e fertilizantes. De maneira igualmente impactante ocorrem a extração, o beneficiamento e o escoamento/transporte de minérios ligados também à produção desses fertilizantes sintéticos, indispensáveis para garantir o lucro especulativo do agronegócio. Para a extração e o beneficiamento/enriquecimento desses minérios, são necessários grande quantidade de água e o uso intensivo de inúmeros insumos e reagentes químicos, ampliando fortemente a onda devastadora dos seus impactos ambientais. Por exemplo, uma pessoa usa, em média, 159 litros de água por dia, enquanto, a cada segundo, a mineração utiliza 225 mil litros de água sem pagar nada ou a preço mínimo. A mineração destrói nascentes, áreas de recarga, reservatórios naturais, águas litorâneas e manguezais, que levaram milhões de anos para se formar, pois na extração do minério o lençol freático é atingido.



A mineração também escancara outros problemas do capitalismo! Isso porque destrói uma área específica, onde determinado mineral é encontrado, mudando radicalmente o ambiente e a sociedade do local. Esses impactos recaem principalmente sobre as mulheres. A extração, o beneficiamento e o escoamento/transporte de minérios da cadeia comercial do agronegócio expulsam ou inviabilizam a vida de agricultoras, camponesas, pescadoras, indígenas, quilombolas, marisqueiras e outros povos e comunidades tradicionais. Há o aumento da violência, de doenças respiratórias, insuficiência do saneamento básico, poluição do ar, falta de água, entre outros males. Problemas sociais, emocionais, ambientais e econômicos também são causados pela chegada da mineração nos locais de extração, nas comunidades do entorno e nas cidades.

Os minerais são importantes na nossa vida, mas essa atividade não está voltada ao atendimento das necessidades das pessoas. Então, perguntamo-nos: mineração para que e para quem? As empresas mineradoras têm como objetivo central aumentar seus lucros vendendo nosso minério como *commodity* (matéria-prima) para o mercado externo a preços baixíssimos. Não temos controle sobre essas negociações, que são feitas em bolsas de valores distantes e por pessoas que apenas pensam em como lucrar com o saque dos nossos subsolos.

No momento em que o preço dessas *commodities* cai — pós-*boom* da mineração —, as empresas passam a compensar seus custos com a redução da segurança de barragens e das condições de trabalho dos seus operários e a destruir ainda mais o ambiente. Nesse sentido, temos o exemplo de Barcarena (PA), com a Hydro Energia; Canaã dos Carajás (PA), com a Vale; Pequiá de Baixo (MA), com a Vale; Santo Antônio do Gramma (MG), com a Anglo American; Baía de Guanabara (RJ), com a Petrobras; e o desastre/crime da Samarco, Vale e BHP Billiton, que matou 20 pessoas (contando com um aborto ocorrido durante o rompimento da barragem) entre trabalhadoras/es terceirizadas/os e moradoras/es de Bento Rodrigues (MG). A tragédia também atingiu dezenas de municípios e comunidades ao longo do Rio Doce e do litoral do Espírito Santo, chegando ao Rio de Janeiro e à Bahia.

A relação histórica de apoio do Estado às mineradoras vem de longa data e se reafirma em diferentes governos em todas as regiões do Brasil — em governos de direita e, lamentavelmente, nos governos ditos de esquerda. Como exemplo, trazemos um caso de Minas Gerais, o estado que nos acolhe neste IV ENA: a Fundação Renova foi criada por meio de um Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), proposto e promovido pelo Ministério Público Federal (MPF), Ministério Público de Minas Gerais e Ministério Público do Espírito Santo, assinado em 2 de março de 2016, entre a Samarco Mineração — com o apoio de suas acionistas —, Vale e BHP Billiton e com a anuência do Governo Federal (Dilma), governos estaduais de Minas Gerais e do Espírito Santo (Pimentel e Hartung) e outros órgãos governamentais. O termo define a Renova como o ente responsável pela criação, gestão e execução das ações de reparação e compensação das áreas e comunidades atingidas pelo rompimento da Barragem de Fundão.

A Renova está sob responsabilidade da Samarco, os membros da diretoria são indicados pela mineradora. O Conselho Curador da Fundação Renova, que tem competência para aprovar os planos, programas e projetos propostos pela Diretoria Executiva, tem, de acordo com o *site* da própria Fundação, a quase totalidade dos seus membros indicados pela Vale e pela BHP Billiton. O Estado brasileiro tem assento, mas tem voto vencido, porque todas as outras cadeiras são ocupadas pela mineradora, enquanto as populações atingidas nem sequer figuram nessa trama. É desse tamanho a aberração.

Desde o rompimento da Barragem de Fundão, as mineradoras passaram a violar um conjunto de direitos das/os atingidas/os em toda a Bacia do Rio Doce. A divisão de comunidades é estratégia corriqueira da Samarco, e a Renova é a garantia de que isso vai continuar. E vai continuar ocupando espaços de organizações da agroecologia, como a nota da Articulação Mineira de Agroecologia (AMA) denuncia. A Renova organizou “caravanas” no Vale do Rio Doce, onde teve “facilitação gráfica”, incluindo facilitadoras/es

que atuaram no III ENA, e agora atuam na Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater). Elas/es estão se apropriando de metodologias e políticas que foram criadas e conquistadas pelo campo agroecológico. As empresas mineradoras, por meio da Renova, estão financiando pesquisas nas universidades sobre os impactos ambientais e à saúde no Rio Doce. Isso é um conflito de interesses estrutural.

RESISTÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS: AGROECOLOGIA x MINERAÇÃO

As experiências agroecológicas vêm sendo construídas no Brasil e no mundo, reafirmando as diversidades nos modos de vida, a ocupação do território, o uso do solo e a produção de comida limpa, no campo e na cidade. Por ter como base as agriculturas tradicionais, entendemos que, cotidianamente, comunidades rurais e urbanas, inclusive as atingidas pela mineração, desenvolvem resistências em seus modos de vida, suas mobilizações, suas práticas e seus saberes. Os sujeitos que têm sua vida interdita pela mineração são os mesmos que trazem consigo saberes indispensáveis às mudanças necessárias em nossa relação com o ambiente. Entre tantas, a dimensão da valorização cultural na agroecologia tem se mostrado como forte elemento nas resistências aos grandes projetos do assim chamado *desenvolvimento*.

Para o projeto de transição agroecológica, é imprescindível a garantia da soberania popular sobre os territórios e seus bens naturais. Para tanto, ressaltamos a necessidade da reforma agrária popular, do reconhecimento, da demarcação e da titulação dos territórios dos povos e das comunidades tradicionais. Afirmamos também que os processos de formação política, a partir do trabalho de base, são fundamentais para o fortalecimento das resistências à mineração e para a promoção da agroecologia.

A agroecologia, pela sua perspectiva de valorização dos saberes locais, da qualidade ambiental, dos bens e dos recursos naturais (qualidade e quantidade) e da biodiversidade, tem a potencialidade de contribuir para a revalorização dos territórios e das populações historicamente prejudicadas com os projetos de desenvolvimento. Tais projetos envolvem também a grande exploração mineral e não se dão pelo respeito às dinâmicas locais, mas são impostos por interesses externos. Em resistência a essa realidade, que degrada as condições de vida das pessoas e do meio ambiente, as práticas agroecológicas trazem novas perspectivas e relações entre sociedade e natureza, logo, entre o trabalho que permeia essa relação. Reconecta, harmoniza e reabilita a relação com o território.

Portanto, a agroecologia tem uma proposta de resolver questões concretas e essenciais à qualidade de vida da população e ao uso racional e harmônico dos recursos naturais.



Mas, para desenvolver alternativas a esse processo produtivo, no contexto da mineração, precisamos entender o que ele é e como vem afetando a nossa vida ou, mais especificamente, a vida das comunidades rurais e urbanas atingidas por esses empreendimentos.

RUMO AO V ENA

Estiveram reunidos na atividade autogestionada *Por que interessa à agroecologia debater a mineração?* os seguintes grupos, organizações e movimentos sociais: Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM); Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela; Movimento pelas Serras e Águas de Minas (Movsam); Organon Ufes – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais; Movimento Águas e Serras de Casa Branca; Observatório de Conflitos Rurais do Alto e Médio Rio Doce; Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); Pastoral da Juventude Rural (PJR); Brigadas Populares;

Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase-ES); Campanha Nem Um Poço a Mais; Justiça nos Trilhos; e Levante Popular da Juventude.

Comprometemo-nos enquanto coletivo que atua na interseção dos temas *agroecologia* e *mineração*, mesmo com nossas diferenças de atuação cotidiana, a seguir em diálogo para as construções futuras relacionadas ao V Encontro Nacional de Agroecologia, para que tenhamos espaços centrais sobre esse tema na programação oficial do ENA.

Finalizamos com um chamado aos movimentos da agroecologia para que não se rendam aos financiamentos de mineradoras e da Fundação Renova. Essas ações deslegitimam nossas pautas e enfraquecem nossas lutas.

Seguimos juntas.

Espaço Agroecológico de Resistência à Mineração

ASSINAM ESTA CARTA:

- 1 - Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)
- 2 - Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela
- 3 - Movimento pelas Serras e Águas de Minas (Movsam)
- 4 - Organon Ufes – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais
- 5 - Observatório de Conflitos Rurais do Alto e Médio Rio Doce
- 6 - Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)
- 7 - Pastoral da Juventude Rural (PJR)
- 8 - Brigadas Populares
- 9 - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase-ES)
- 10 - Campanha Nem Um Poço a Mais
- 11 - Justiça nos Trilhos
- 12 - Igrejas e Mineração
- 13 - Coletivo Mujique
- 14 - Movimento Águas e Serras de Casa Branca
- 15 - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs)
- 16 - Levante Popular da Juventude

CARTA CONVOCATÓRIA PARA O XI CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA (XI CBA)

A Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e a Comissão Local de Sergipe convocam a todas e todos para construirmos o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (XI CBA). Essa construção será provocada a partir da Região Nordeste, e o evento ocorrerá em Sergipe, em novembro de 2019.

A partir do acúmulo dos CBAs anteriores, do aprofundamento do debate e da ampla mobilização ocorrida durante o IV ENA — que, em seu processo preparatório, envolveu entidades, coletivos e movimentos sociais —, entendemos que esse é o momento histórico de impulsionarmos a construção da agroecologia enquanto movimento, prática e ciência. Uma ciência do campo da complexidade, que, partindo dos conhecimentos dos povos indígenas, das comunidades tradicionais e da agricultura camponesa, compreende princípios e avança numa construção coletiva e democrática e a serviço da sociedade, num profundo diálogo de saberes.

O XI CBA será, sem dúvida, um momento de fortalecimento e ampliação dessa construção a partir dos territórios, núcleos de agroecologia, universidades, institutos federais, organizações estaduais de pesquisa e extensão rural, instituições de pesquisa federais, movimentos sociais e populares, grupos e coletivos que, na realidade local das comunidades, articulam a produção camponesa e o consumo de alimentos agroecológicos.

Assim, conclamamos a todas e todos a se somarem nessa construção participativa, popular e colaborativa.

Rumo ao *XI Congresso Brasileiro de Agroecologia*, em Aracaju (SE).

Belo Horizonte, 3 de junho de 2018.

MOÇÃO DE PESAR AO ASSASSINATO DE KATISON DE SOUZA, DO MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES (MPA), NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA)

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) vem expressar sua indignação com o assassinato do companheiro Katison de Souza, militante do Movimento no Estado do Pará.

Katison foi mais uma vítima da violência no campo, uma prática frequente dos “Senhores” que se apropriam das terras e usam como ferramenta para gerar lucro a qualquer custo, mesmo que para isto tenham que tirar vidas para manter sua estratégia de lucro.

Katison, pelo contrário, lutava pela terra a fim de trazer segurança para seus quatros filhos e companheira, assim como na busca da dignidade dos excluídos desta sociedade, que lutam pela terra para produzir o pão sagrado de cada dia, para alimentar a esperança daqueles e daquelas que tiram seu sustento.

Queremos justiça e punição aos assassinos e seus mandatários.

Nos roubaram sua presença física, companheiro, mas segues vivo em nossos sonhos e lutas, Katison. Segues vivo em cada sem-terra, em cada camponês que faz de suas necessidades a luta legítima por um simples pedaço de chão.

Expressamos nossa solidariedade aos amigos e familiares, e ecoamos o nosso grito por justiça.

A violência é a arma dos ignorantes e dos opressores. Camaradas do Pará e familiares, muita força e solidariedade.

Por nossos mártires, nenhum minuto de silêncio por toda uma vida de luta!

Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, 02 de junho de 2018.

MOÇÃO DE DENÚNCIA AO DESCASO NA PRÓTEÇÃO DE OSVALINDA E DANIEL, DE TRAIRÃO (PA)

Nós, organizações e movimentos, participantes do IV ENA, denunciemos publicamente as ameaças sofridas por Osvailinda e Daniel, agricultores familiares do município de Trairão (PA), defensores da agroecologia, em razão de sua luta no campo.

O agravamento do quadro de ameaças ao casal, com a abertura de covas com cruzeiros em seu lote, demonstra o quanto as estratégias do agronegócio são contra a vida.

Demonstra ainda mais o comprometimento do Estado brasileiro com a exploração da floresta e o descaso com a reforma agrária, cujo resultado é a conversão dos Projetos de Assentamento do Médio Tapajós em áreas de exploração ilegal de madeira.

Repudiamos a demora do sistema de proteção a defensores de direitos humanos em acompanhar o caso e prestar serviços eficientes para proteger a vida do casal.

Queremos, com esta nota, prestar nosso apoio ao casal Osvailinda e Daniel, afirmando nosso compromisso em defesa da vida, da reforma agrária e da agroecologia.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-87116-33-8



9 788587 116338

REALIZAÇÃO



CA 0776/001/2017



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

PATROCÍNIO



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DE MINAS GERAIS



NOSSA ENERGIA, SUA FORÇA



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS



BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO



GOVERNO FEDERAL

APOIO



INCENTIVO